



# As cores da rosa

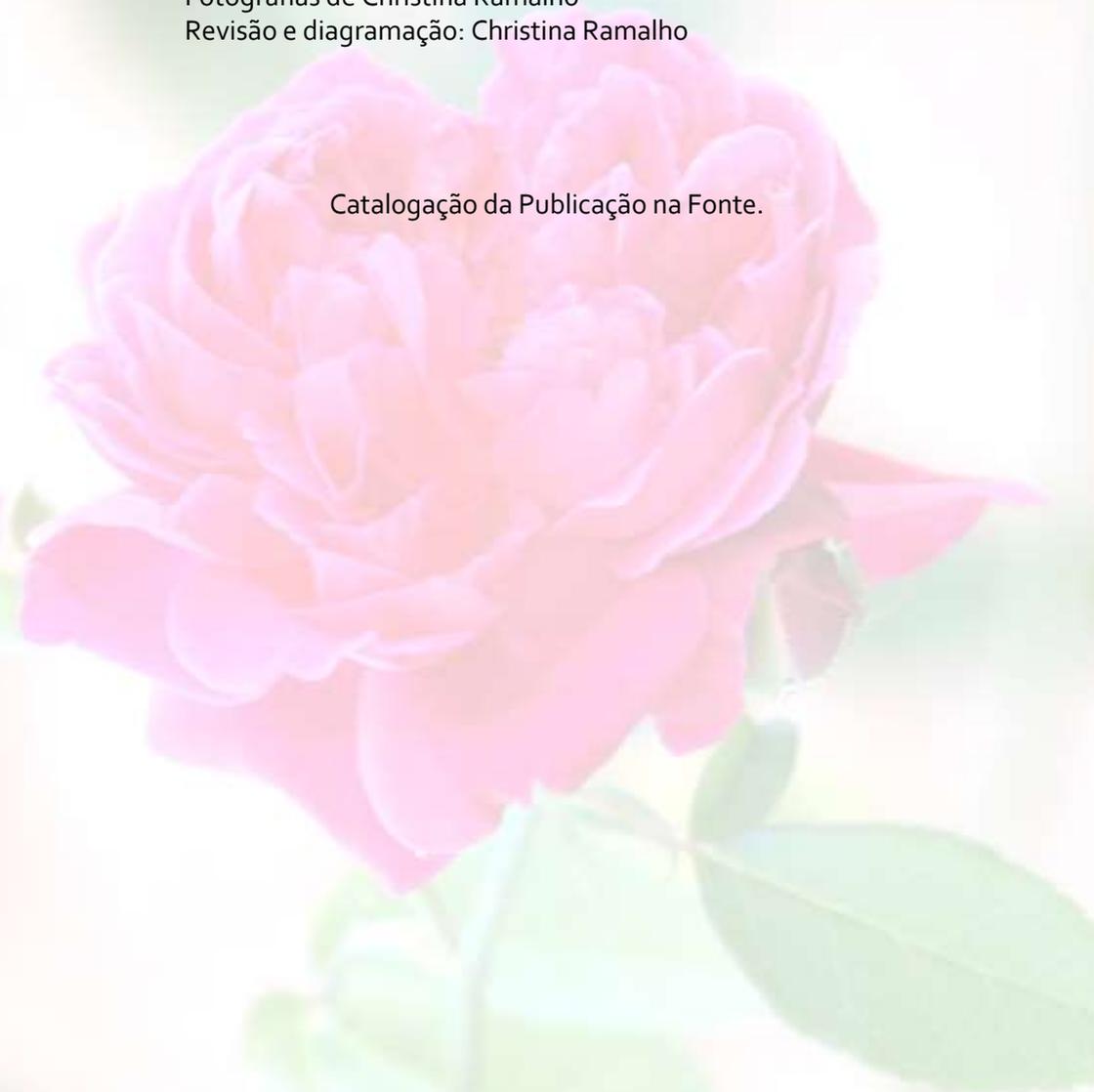
crônicas

Bernardete Ramalho

**Título Original:** *As cores da rosa. crônicas.*  
© Copyright 2021 by Bernardete Ramalho  
Todos os direitos reservados. Autorizado o uso de seu conteúdo, desde que acompanhado de citação da fonte.

Fotografias de Christina Ramalho  
Revisão e diagramação: Christina Ramalho

Catlogação da Publicação na Fonte.





# As cores da rosa

crônicas

**Bernardete Ramalho**

LucGraf – Natal, 2021



As cores da rosa

## Índice

<i>A primeira rosa.....</i>	<i>03</i>
<i>A segunda rosa.....</i>	<i>05</i>
<i>A terceira rosa.....</i>	<i>07</i>
<i>A quarta rosa.....</i>	<i>10</i>
<i>A quinta rosa.....</i>	<i>12</i>
<i>A sexta rosa: O dia em que vovô morreu.....</i>	<i>14</i>
<i>A sétima rosa</i>	
<i>A oitava rosa</i>	
<i>A nona rosa</i>	
<i>A décima rosa</i>	
<i>A décima primeira rosa</i>	
<i>A décima segunda rosa</i>	
<i>A décima terceira rosa</i>	
<i>A décima quarta rosa</i>	
<i>A décima quinta rosa</i>	
<i>A décima sexta rosa</i>	
<i>A décima sétima rosa</i>	
<i>A décima oitava rosa</i>	
<i>A décima nona rosa</i>	
<i>A vigésima rosa</i>	





## *A primeira rosa*

Era sempre verão naquela cidade. Nem mesmo os ventos que derrubavam as folhas vermelhas do outono-inverno eram capazes de amenizar o calor. O inverno que viria após as aragens outonais era sufocado pelas pesadas folhas das amendoeiras que cobriam as ruas. Assim o frio passava despercebido por entre as camadas que coloriram e cobriam ruas, avenidas, praças e até mesmo a areia das praias. E o dia a dia vermelho-amarelado só daria lugar à primavera, que, ignorando o calor, cederia lugar às flores dos jardins e às jardineiras penduradas nas varandas dos prédios para pedir olhares de agradecimento à natureza, que, sem pedir licença, tomava seu lugar. E assim podíamos usufruir um pouco as amenidades da primavera e nos dar ao luxo de esquecer brevemente o calor que logo chegaria com o novo verão para a alegria dos apaixonados pelas praias lindas daquela para sempre Cidade Maravilhosa.



## *A segunda rosa*

Hoje amanheci pensando nas convenções estabelecidas pelo mundo que nos falam que há tempo para tudo: tempo para nascer, tempo para crescer, tempo para trabalhar, para amar, para perder o amor, para esquecer... E assim seguem os tempos que foram estabelecidos para seguirmos.

Precisamos quebrar essas supostas verdades. Temos que ter tempo para renascer e para reconstruir; tempo para novos sonhos, para substituir amores perdidos por novos amores. Tempo para abrir as portas aos sentimentos e emoções que ficaram encarcerados no silêncio do medo de nos tornarmos causadores da quebra das convenções. Que o amor e os sentimentos possam tomar conta dos corações jovens ou dos corações já no outono inverno da vida. O amor não cria rugas, não vai embora com a morte. Ele fica para crescer em novo amor. Não vamos mais dar nossos olhos e nossos ouvidos a convenções que ninguém nunca soube quem estabeleceu.

Viver é sorrir porque o coração está em festa.



## A terceira rosa

Estava muito escuro quando abri os olhos. Achei que tinha despertado antes da hora costumeira. Olhei o relógio e vi que a hora era a mesma. Levantei-me, abri a cortina e a janela, olhei e me assustei com as nuvens cinzentas e pesadas que cobriam o céu, não deixando sequer um pouquinho do azul aparecer. Do sol, nem sinal.

Corri para a outra janela e vislumbrei o mar que se apresentava aos meus olhos escuro e triste, sem as cores que sempre variam do azul intenso, passando ao verde esmeralda, até se dissolverem no verde-amarelado que se joga em ondas na areia. Elas agora eram filetes de espuma e ainda tinham um pouco do branco a enfeitá-las tristemente.

Intuí que logo cairia uma forte chuva e resolvi voltar para a cama. Recostei-me nos travesseiros e alcancei um livro que já fazia algum tempo estava na mesinha. Acendi o abajur e comecei a folhear o livro, que tinha como título *A linguagem das flores*. Eram tão lindas suas ilustrações! As mais variadas cores em flores que iam da singela Margarida até a soberba Hortênsia, passando pelo Cravo, pela Rosa, pelo Jasmim, pelo Lírio, pela Alfazema e por muitas e muitas outras, sendo que algumas que eu jamais havia visto e nem mesmo sabia

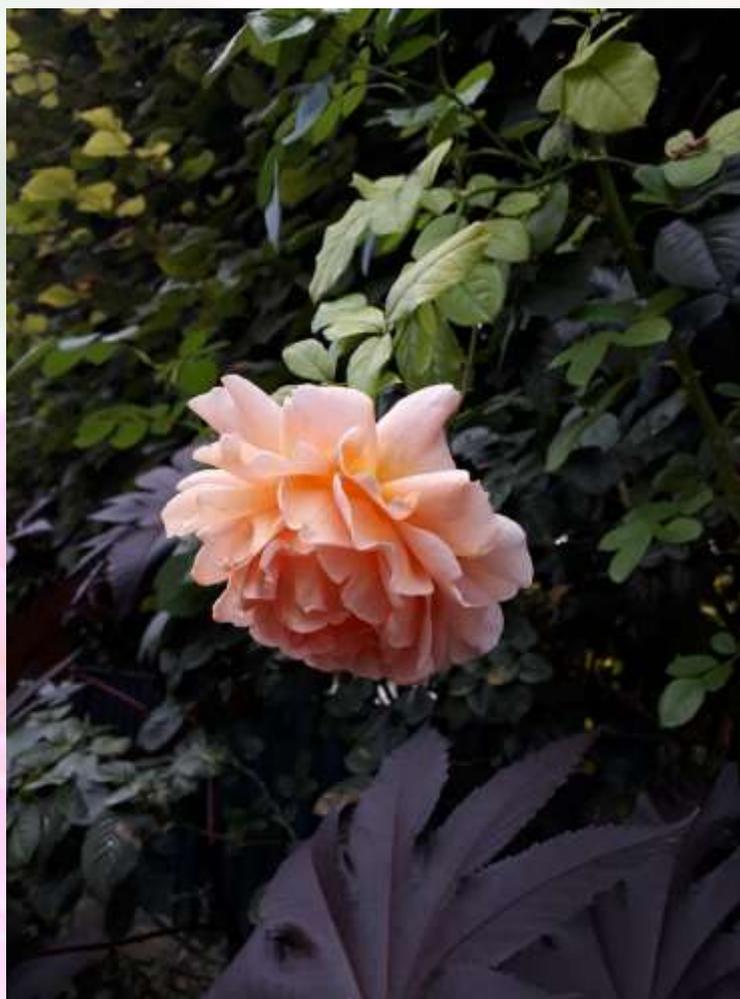


seus nomes. Fui repassando uma por uma e lendo seus significados. A penumbra e a leitura me fizeram adormecer.

Ao acordar, o sol já estava adentrando o quarto e pude sentir seu calor. Achei que havia sonhado e que a escuridão do céu e do mar eram fruto de minha imaginação. Eu me volvei e vi o livro aberto sobre a cama. Seu colorido, no entanto, permanecia aceso.

Corri à janela e olhei para o tempo que me sorria e me convidava a caminhar por entre as poças d'água que a chuva havia deixado nas calçadas.





## *A quarta rosa*

O dia amanheceu radiante, com sua luz e seu calor entrando por minha janela. Agradei a Deus por ter velado meu sono e agradei ao meu amor por ter adentrado meus sonhos. Quem sabe agora poderemos andar juntos pelas veredas que se apresentam a nós dois. Olharemos a beleza da criação divina, onde as flores ladeiam as beiradas e os animais já acordados nos saúdam com sua presença. Veremos o céu e o vento empurrando as nuvens, para que elas não escondam o sol que nos aquece. Falaremos de nossas amenidades e também, por que não, de nossas dificuldades. Um consolará o outro e, sempre de mãos dadas, veremos ao longe o fim do caminho, que nos apontará uma nova noite, para estarmos juntos no mesmo sonho.



## *A quinta rosa*

Penso no dia em que Rosa levou uma rosa para enfeitar e perfumar a Eternidade. Na verdade seu nome não era Rosa, mas foi assim que o Amor a chamou.

Ele, o Amor, sabia que, mais cedo ou mais tarde, iria mergulhar na Eternidade que já havia sonhado e construído para sua Rosa. Iria então até as profundezas das águas enfeitadas e perfumadas por Ela, mas cuidaria para não se afogar, pois queria viver, com Ela, a vida que nunca mais acabaria, mas que teria sempre o perfume de rosa para fazer parte do reencontro dos dois: ele, o Amor, e ela, agora, Eternidade.

O verdadeiro nome de Rosa ficou no esquecimento, assim como nunca saberemos o verdadeiro nome do Amor.



## *A sexta rosa: O dia em que vovô morreu*

Esse texto é verídico e, como sou a protagonista, intitulei de "O dia em que vovô morreu".

Cheguei em casa mais cedo, vinda da escola, pois, acabada a prova, os alunos foram liberados. Entrei, chamei por minha mãe e, não recebendo resposta, vi que não estava em casa. Como meus irmãos ou estavam estudando ou trabalhando, me vi apenas com meu avô, a quem fui ver se estava em seu quarto. Ele era bem velhinho, já passava dos noventa anos.

A porta estava encostada, entrei e vi que estava deitado coberto por seu edredom de penas que tinha trazido do Sul. Não chamei por ele mas fiquei observando. Não se mexia e eu não via sinal de sua respiração. Nos meus doze anos de idade, não preciso dizer que fiquei apavorada, pois não havia visto ainda nenhuma pessoa morta. Saí às pressas com minha bicicleta velha, para procurar por minha mãe. Fui ao açougue, ao armazém, à padaria e até ao armarinho do seu Martins. Lá não estava. Corri à casa de minha irmã, que já estava casada e morava ali perto, inventando um motivo para poder perguntar se mamãe tinha estado lá. Ela respondeu que não. Despedi-me e fui continuar a busca.

Fui até a igreja, aonde ela costumava ir para alguma reunião com as outras senhoras. Não havia ninguém, e a Igreja estava fechada. Desisti da busca e regressei à casa, mas não entrei. Fiquei sentada na varandinha, pensando como faria para falar do problema com ela. Nisso, ouvi um barulho vindo da cozinha e vi que ela já havia chegado. Contornei a lateral da casa para entrar pela varanda que fora construída junto da cozinha, para fazermos as refeições e também para mamãe costurar.

Entre e ela me perguntou onde eu estava, respondi que tinha ido dar umas voltas de bicicleta. Sem conseguir entrar no assunto, me virei para fora e um susto quase me derrubou. Meu avozinho estava sentado em sua cadeira de vime. Olhou para mim e me chamou: "Netinka", forma apolonesada de netinha, e falou: "Está muito calor hoje... ho ho". Cheguei perto dele, acariciei sua cabeça, já calva e também lhe dei um beijo. Um misto de alívio e felicidade tomou conta de mim. A alegria de saber que ele estava ali sentadinho no seu conforto, fez-me pensar em como era bom ter meu vovô Pedro, pai do meu pai. Ele era a única bênção que recebi, pois os outros avós não conheci. Achei que ele representava os demais. Pensei que gostaria que ele vivesse para sempre, pelo menos em meu coração.

Fiquei por ali, silenciosa, pensando na minha terrível experiência. Mas hoje, já passados mais de sessenta anos, resolvi contar, a quem quiser saber, a história que guardei e acalentei em minha memória.





Para minha mãe, este pequeno rascunho de um e-book, que, para ficar pronto, só precisa receber, pelo menos, mais 14 crônicas. Se você gostar, claro, da ideia que suas crônicas fizeram brotar na minha cabeça e no meu coração!

Eu te amo, mãezinha! Você escreve lindamente.

Chris

29/11/2020